

TRADIÇÕES, FAMÍLIAS, IMOBILIÁRIO, CAÇA, PESCA, JARDINS, NATUREZA

# VIVER NO Campo

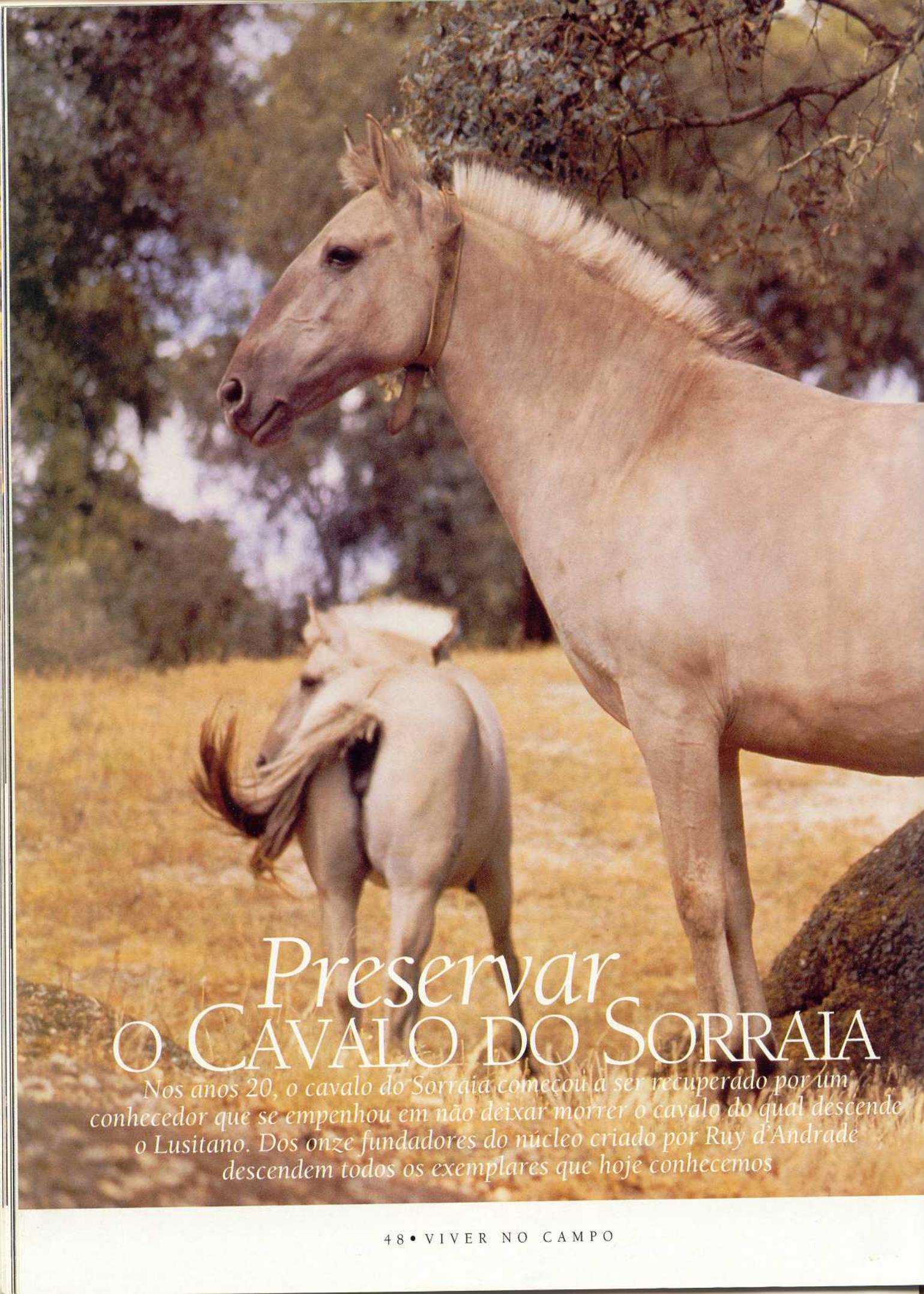
QUINTA DAS LUZES  
*Viver nas margens do Douro*

TRAJE À PORTUGUESA  
*Prepare-se para a Golegã*



QUOTAS  
À PRODUÇÃO  
O APERTO NA HORA  
DE SEMEAR

REVISTA MENSAL • ANO 1 • NÚMERO 5 • SETEMBRO DE 1997 • PREÇO IVA INCLUIDO CONTINENTE 480\$00. MADEIRA 650\$00. AÇORES 580\$00



# Preservar O CAVALO DO SORRAIA

*Nos anos 20, o cavalo do Sorraia começou a ser recuperado por um conhecedor que se empenhou em não deixar morrer o cavalo do qual descende o Lusitano. Dos onze fundadores do núcleo criado por Ruy d'Andrade descendem todos os exemplares que hoje conhecemos*



Miguel Stilwell d'Andrade

**O**LHANDO para a manada de pequenos cavalos passeando calmamente debaixo do sol abrasador do Alentejo, nada nos levaria a supor que estamos perante uma espécie rara, que embora tendo ultrapassado o risco de extinção se encontra ainda em fase de recuperação e crescimento. Salvar uma espécie em vias de extinção não é proeza frequente, mas, no entanto, foi exactamente o que sucedeu nos anos 20 em Portugal, com o cavalo do Sorraia, um antepassado do cavalo Lusitano e de todos os cavalos actualmente nas Américas.

Pensa-se que este cavalo era o Zebro a que se referem fontes medievais: um pequeno equino que vivia num estado absolutamente selvagem na Idade Média, vindo dos tempos da Paleolítica Média, cujos vestígios de existência são encontrados nas pinturas rupestres do sul da Península Ibérica.

A origem do nome vem do facto de, embora sendo um cavalo de cor baia ou rato, apresentar zebruras nos membros, uma crina e cauda a duas cores, extremidades do corpo mais escuras e lista de mulo, fazendo lembrar as riscas de uma Zebra.

Foram essas marcas curiosas que os estudiosos identificaram e relacionaram com o primitivismo do Sorraia, pensando-se situá-lo na escala evolucionária algures entre a Zebra, que utilizava estas zebruras para se esconder na savana africana, e o cavalo moderno, que já não necessita deste disfarce.

Na sua forma, o Sorraia é um Andaluz em miniatura, inconfundível como o garrano, e possuindo os mesmos traços fisiológicos, o que levanta suspeitas de que o Sorraia possa ser o seu antepassado. Deles deve ter saído o cavalo Andaluz por fenómeno mutativo, resultante possivelmente de um cruzamento com os garranos do norte, numa convivência plurimilenária, ou com os cavalos africanos neolíticos, ou ainda de um outro contacto com os cavalos do Saara. Deste cavalo

*Rústicos, com características do cavalo Lusitano, menos aperfeiçoadas, mas conservando as qualidades que os notabilizaram, é apontada a este cavalo a vantagem de não precisar de grandes cuidados e não obrigar a elevadas despesas*

FOTOGRAFIAS DE PAULO OLIVEIRA

Andaluz derivam as raças modernas do Lusitano e do Pura Raça Espanhola, ambas existentes há poucas décadas, mas já com uma grande projecção internacional.

Uma outra característica que nos leva a crer que o Sorraia seja antepassado do Lusitano é a observação de que os poldros Lusitanos nascem zebrados e de uma cor baia ou cinzenta, particular aos Sorraias, que vão perdendo com a idade, tornando-se numa cor tordo, característica dos Lusitanos.

De acordo com o especialista Ruy d'Andrade, autor de "Alrededor del caballo español", o Sorraia está também na origem dos cavalos das Américas. Quando Colombo levou a bom termo a sua viagem o cavalo era uma espécie extinta nas Américas, não se conhecendo as razões do seu desaparecimento. Assim, todos os cavalos aí encontrados datam de uma "era" pós-Descobrimientos, originados no núcleo hípico que Colombo inicialmente recrutou e levou para lá. Um grupo incluiu os cavalos de Santo Domingo, de Cuba e, mais tarde, os da Flórida, do México, do Perú, do Chile, da Argentina e do Paraguai.

Sabe-se mesmo que Colombo adquiriu cavalos andaluzes de marca e bom quilate para levar para a América, que examinou antes do embarque, mas, no último momento, estes foram trocados por outros, oriundos das marismas do Guadalquivir, facto que muito arreliou o Almirante.

Contudo, em vez de um prejuízo irremediável, a troca veio-se a revelar uma vantagem, porque foram levados para a América cavalos mais resistentes e adequados para conseguirem sobreviver e desenvolver-se no completo abandono a que foram votados. São estes cavalos que originam os crioulos, parentes dos nossos, segundo Ruy d'Andrade.

Por cá, o cavalo Sorraia estava a ser empurrado para fora das zonas de bom pasto e só se encontrava no vale do Sorraia, donde surge o nome. O rio Sorraia, o mais importante dos afluentes que o Tejo recebe na margem esquerda quando as suas águas são já salgadas, formando-se da reunião de vários tributários, os mais importantes dos quais, o Sor e o Raia que

celhos de Coruche, Salvaterra, e outros limítrofes, os cavalos foram sempre pequenos e menos distintos, ainda que robustos.

Os cavalos eram mais pequenos devido ao facto desses terrenos serem mais pobres e arenosos, cobertos de mato e arbustos silvestres, e apenas aproveitados para a criação de bovinos da raça brava.

Aqui, os cavalos eram obrigados a partilhar esse espaço com os toiros, ficando-lhes apenas os restos dos pastos que aqueles ruminantes deixavam e conseqüentemente não se desenvolviam da mesma maneira que os seus parentes instalados acima da bacia, desfrutando de melhores condições.

"Em tal ambiente, absolutamente despovoado até as primeiras décadas do século XIX e onde os nossos reis caçavam ve-

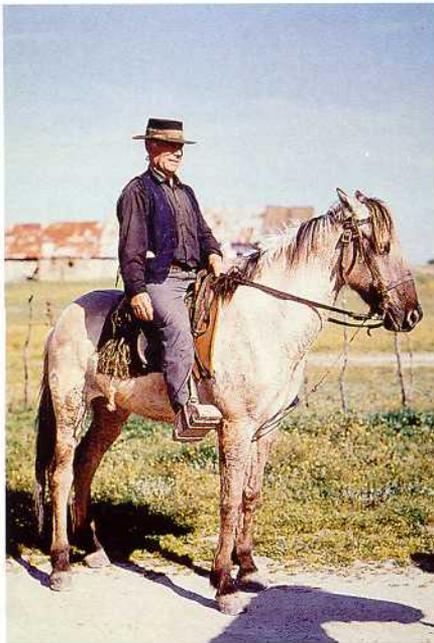
dos, gamos e javalis fora de toda a convivência humana, se manteve este equino primitivo. Sujeitos a este regime de mau trato, só animais adaptados a semelhante ambiente puderam perseverar; e como os mais adaptados eram naturalmente autóctones, portanto os mais antigos, este tipo animal pode sobreviver.

Tal deve ser a razão de ainda subsistir este grupo cabalino." (Ruy d'Andrade, 1945)

De facto, os vales mais selvagens e despovoados serviam de refúgio ao cavalo selvagem, o Zebro, e daí resultou que muitos vales daquela zona sejam

denominados "Vale do Zebro", marcando a diferença de outros locais onde o cavalo Lusitano tinha já sido domesticado e que passaram a ser chamados "Vale das Éguas" ou "Vale dos Cavalos", segundo o investigador Arsénio Raposo Cordeiro.

Contudo, no início do século XX, já começavam a não existir lugares que resistissem à exploração do Homem e o cavalo "selvagem" começou a desaparecer até dessas zonas.



*O elevado grau de consanguinidade e suas possíveis conseqüências têm sido objecto de investigação na Caudalaria Nacional de Alter do Chão, por parte de Maria do Mar Oom, bióloga da Faculdade de Ciências de Lisboa.*



se juntam próximo do Couço num único veio fluvial, recebeu o nome destes dois afluentes (Sor-Raia). Todos estes tributários nascem na região do Alto Alentejo e, na parte alta dessa bacia, nos concelhos de Portalegre, Crato, Alter do Chão, Monforte, Sousel e Fronteira, houve sempre cavalos de boa qualidade e suficiente estatura, em especial os da casta Alter Real, da coudalaria de Alter do Chão.

Contrariamente, nos terrenos dos con-

É então que aparece em cena Ruy d'Andrade, um zoólogo: "em 1920, andando à caça na região de Coruche, no baixo Sorraia, numa propriedade chamada "Sesmaria" deparei com uma manada de uns 30 indivíduos, mais de metade dos quais eram baios claros, alguns ratos, muitos zebrados e com um aspecto geral absolutamente selvagem ou primitivo, como se fossem uma espécie de zebras ou hemiones." Para um olho não treinado estas características teriam passado despercebidas, e a hipótese de recuperar estes cavalos ter-se-ia perdido. Felizmente, ele tomou a carga a tarefa de preservar e procriar essa raça e apesar de não ter podido adquirir a manada com que se tinha depauperado, adquiriu sete outros animais de vários criadores na região de Coruche e proximidades. Estes animais foram escolhidos por apresentarem os mesmos caracteres que tinha notado na outra manada. Foi com estas éguas, unidas com cavalos da mesma procedência e portadoras das mesmas particularidades de pelagem que se formou o grupo inicial. Começaram a reproduzir-se e gradualmente, à medida que os animais do grupo inicial desapareciam e nasciam os filhos, o grupo começou a tornar-se homogéneo.

De qualquer forma, todos os animais que correntemente existem descendem dos 11 fundadores adquiridos por Ruy d'Andrade, o que acarreta inevitavelmente um alto grau de consanguinidade, dito um dos mais altos do mundo. Normalmente uma situação deste género levaria a deficiências físicas ou até esterilidade. Contudo, e até este momento, ainda não surgiram grandes problemas, além de um pequeno decréscimo na fertilidade.

Este fenómeno tem sido objecto da investigação levada a cabo por Maria do Mar Oom, bióloga da Faculdade de Ciências de Lisboa, que estuda a raça há vários anos na Caudelaria Nacional de Alter do Chão. A inexistência de deficiências graves parece demonstrar que os cavalos têm uma capacidade de resistência genética grande, talvez remontando à necessidade primitiva dos cavalos se intercruzarem,

devido ao isolamento das pequenas manadas. Esta necessidade terá levado a que os animais se adaptassem de forma a que as características que poderiam ter causado anomalias ou esterilidade tenham sido suprimidas, deixando apenas as características positivas.

Actualmente, existem em Portugal três núcleos destes cavalos, todos eles descendentes do primeiro. O mais importante, aquele que foi reunido por Ruy d'Andrade e agora fragmentado em quatro grupos pertencentes aos seus descendentes; o de Manuel Abecassis; e o da Caudelaria Nacional.

Para além disso, foi iniciado um outro

condições totalmente diferentes, sejam elas climatéricas ou outras, o que leva a que os diferentes núcleos criem resistências e diferenças que os tornarão menos susceptíveis aos perigos da consanguinidade.

Mas para além do interesse genético como antepassado do cavalo Lusitano e dos cavalos das Américas, e de ser um estudo interessante sobre a recuperação de espécies, o Sorraia tem qualidades que não devemos ignorar e que o tornam propício a um uso para além do puramente recreativo.

Este cavalo apresenta um grande futuro como montada para iniciação, por-

que não é muito grande, mas ao mesmo tempo é muito sóbrio e paciente. Tem uma boa boca, finura e sensibilidade à espora, qualidades muito procuradas e desejadas em qualquer cavalo.

Pelas mesmas razões, apresenta-se também como uma óptima montada de trabalho, com um grande futuro funcional, tendo movimentos altos e garbosos, quando concentrados, rápidos na corrida. Resistentes no trabalho, suportam bem o calor e o frio, a chuva e a fome.

Para fazerem o serviço de guarda, tenta e condução dos touros de lide são ideais demonstrando um grande vigor, ligeireza e coragem, mobilidade no arrancar e parar de repente, motivo pelo que defendem da arremetida súbita dos touros.

Na Herdade de Fontalva, local onde o Sorraia foi recuperado por Ruy d'Andrade e ainda pertencente aos descendentes, o cavalo de escolha para a lide dos touros é o Sorraia, e diz-se que em toda a história nunca um Sorraia foi "agarrado".

Rústicos, com características do cavalo Lusitano, menos aperfeiçoadas possivelmente, mas conservando as qualidades

que os notabilizaram, é também apontada a este cavalo a vantagem de não precisar de grandes cuidados e não obrigar a elevadas despesas. Ou, como foi definido por Ruy d'Andrade em 1945, "uma raça hípica muito útil e mal apreciada, à qual se reconhecerá valor quando todos os cavalos se tornarem impróprios para trabalho de campo por excesso de arabização e de anglicanização." ❀



*O cavalo do Sorraia parece ter futuro como montada para iniciação, porque não é muito grande, e ao mesmo tempo é sóbrio e paciente. Tem uma boa boca, finura e sensibilidade à espora, qualidades muito procuradas e desejadas em qualquer cavalo.*



núcleo pertencente à família Shafer na Alemanha. A razão desta medida foi a de tentar minimizar o risco de ataque de uma doença epidémica ou catástrofe natural que pudesse eliminar a raça. Dividindo-os assim em vários grupos, assegura-se que, mesmo que um núcleo seja afectado, existirão sempre outros núcleos livres de perigo. Isto, para além do facto que permitirá um desenvolvimento em



*Na Herdade de Fontalva, local onde foi recuperado  
por Ruy d'Andrade, eles são a escolha para  
a lide dos toiros.  
Aqui se diz que em toda a história nunca um Sorraia  
foi "agarrado".*



*Segundo palavras de Ruy d'Andrade, o Serrala é "uma  
raça hipica muito util e mal apreciada, à qual se  
reconhecerá valor quando todos os cavalos se tornarem  
impróprios para trabalho de campo por excesso de  
arabização e de anglicização"*

